ISSN: 2358-8829

GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM BREVE OLHAR SOBRE A PRESENÇA MASCULINA EM UM ESPAÇO HISTORICAMENTE FEMINIZADO

Roseane de Sousa da Conceição [1]
Joelson de Sousa Morais [2]

INTRODUÇÃO

A docência na Educação Infantil carrega marcas históricas relacionadas à feminização do magistério, nas quais a figura feminina ainda é frequentemente associada ao cuidado maternal. Essas representações contribuem para a reprodução de estereótipos sobre quem pode ocupar esse espaço profissional.

Embora as discussões sobre a docência masculina na Educação Infantil tenham conquistado espaço nos estudos educacionais brasileiros, ainda se faz necessário ampliar o debate acerca das experiências vivenciadas por homens que escolhem atuar nessa etapa da Educação Básica. Nesse contexto, a escolha pela formação em Pedagogia e pela atuação na Educação Infantil permite problematizar concepções que ao longo dos anos associam o exercício da docência com crianças pequenas à figura feminina.

Diante dessas inquietações, este trabalho tem como objetivo compreender as relações de gênero na Educação Infantil, buscando analisar os desafios e preconceitos presentes a presença masculina nesse espaço historicamente feminizado.

Assim, a relevância deste estudo está na possibilidade de ampliar as reflexões sobre as relações de gênero na Educação Infantil, problematizando estereótipos historicamente construídos e contribuindo para uma compreensão da docência que ultrapasse concepções fundamentadas exclusivamente no cuidado maternal.

Busca-se, desse modo, favorecer discussões sobre o reconhecimento profissional, a valorização das diferentes trajetórias docentes e a construção de uma educação comprometida com a formação crítica e social dos sujeitos.

Pretende-se que os resultados contribuam ao sentido de discutir sobre a temática dentro do espaço que necessita romper barreiras, desconstruir rótulos, ampliar sentidos

[1] Mestranda em Educação na Universidade Federal - UFMA, roseane.sc@discente.ufma.br;
[2] Professor Doutor da Universidade Federal - UFMA, joelson.morais@ufma;

ISSN: 2358-8829

para dar significado a identidade docente de quem escolheu contribuir para a construção de um caráter formativo e crítico dentro da educação. Assim, alguns autores somam para a elaboração desta pesquisa, como Josso (2012), Nóvoa (2009) e Louro (1997).

PROCEDIMENTOS METODÓLOGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de fundamentado na pesquisa narrativa, compreendendo as narrativas como um caminho metodológico que possibilita refletir sobre as experiências vividas e os sentidos atribuídos a elas, considerando que as vivências individuais podem constituir espaços de aprendizagem e construção de saberes.

Assim, o percurso metodológico foi organizado a partir de observações e inquietações relacionadas às experiências de um professor graduado em pedagogia, buscando compreender os desafios envolvidos na constituição da identidade docente em um espaço atravessado por tensões, representações sociais e questões de gênero.

A sistematização dos dados foi desenvolvida por meio de um relato de experiência, articulando as narrativas de um professor graduado em pedagogia, na qual será identificado como Professor Gabriel.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na educação, especificamente no espaço infantil, ainda é forte o discurso da docência ser ligada ao cuidado maternal, o que causa estranhamento da figura masculina dentro do mesmo ambiente, o olhar voltado ao homem nesse espaço pode ser inferior a mulher, gerando muitas vezes desconfortos para as famílias.

Scott (2005), discute as relações de gênero em um sentindo crítico, e destaca que mesmo quando se defende direitos específicos impostos pela sociedade democrática, ainda existem enigmas que contradizem essa realidade.

Durante o século XIX os traços da docência nos anos iniciais eram pautados a mulher, e a educação infantil não seria diferente, antes mesmo de fazer parte da educação básica era um espaço exclusivamente do cuidado maternal, a mulher até então, dentro desse espaço, era vista como cuidadora, ou babá, tornando essa realidade cada vez mais naturalizada pelo contexto social.

Com o passar dos anos, a educação infantil se tornou parte da educação básica pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

(LDB nº 9.394/1996). A Lei nº 12.796/2013, alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), tornando-se obrigatório que até o ano de 2016 todos os municípios garantissem o acesso das crianças a este espaço.

A inserção feminina atravessa diversos espaços sociais, segundo Louro (1997), os múltiplos discursos levam a mulher a esfera do ambiente doméstico, não como algo natural, mas construído historicamente, que com a luta do feminismo foi se rompendo, dando espaço a novos horizontes e ganho de direitos.

Tendo em vista que durante o curso de pedagogia o número de homens nas turmas costuma ser inferior em relação as mulheres, isso reflete a inquietação de que a escolha profissional ainda pode trazer o reflexo da raiz historicamente construída, mas é preciso compreender que não existe se quer uma lei que seja apresentada que a educação infantil se limita apenas para à atuação feminina.

Nos espaços da educação infantil, a presença de homens graduados em pedagogia, causa muitos questionamentos, o que pode ser resultado de diversos fatores. Segundo Martins e Lima (2016), a escola não possui o único papel de ensinar conteúdos, mas educar para um espaço harmonioso entendendo a diversidade e inclusão, contribuindo com a aprendizagem das crianças, ou seja, isso não limita apenas a um gênero específico, mesmo a preferência de muitas escolas serem exatamente as mulheres.

Na perspectiva de Nóvoa (2009), a burocracia exposta no exercício da docência é algo técnico, o que limita a ação docente de atuar com liberdade. No contexto atual do século XXI se fala sobre a importância da liberdade e autonomia para os professores, mas a realidade é que ainda existe uma carga de controle presente dentro dos espaços educacionais.

De acordo com Louro (1997), os argumentos apresentados historicamente apontam as desigualdades de gênero por meio das diferenças biológicas, tornando um meio de justificar a própria desigualdade social. É imprescindível discutir que a educação é capaz de transformar experiências em grandes aprendizagens que contribuem para a bagagem profissional do indivíduo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange as perspectivas referente à docência no espaço da educação infantil, o estudo considerou compreender a realidade a partir da lógica da divisão sexual na docência, apesar de muitos padrões impostos pela sociedade. A partir das narrativas do

ISSN: 2358-8829

professor Renato, é possível identificar alguns critérios que marcam sua trajetória com um olhar de vivenciou algumas questões complexas ao longo da formação, a primeira narrativa diz o seguinte:

> Como pedagogo, percebo que nossa presença nesse espaço ainda causa estranhamento para muitas pessoas. A educação das crianças pequenas, historicamente, foi associada ao cuidado materno e ao papel feminino, o que faz com que homens nessa área sejam vistos com desconfiança ou até preconceito. Nessa perspectiva, um dos maiores desafios é justamente lidar com esses olhares desconfiados. Na graduação, a turma era maioria de mulheres, e os poucos homens que tinham muitas vezes se sentiam deslocados. Durante o estágio na educação infantil, me sentir perdido em meio as dificuldades, e a falta de apoio era mínima (Professor Gabriel).

Martins e Lima (2016), destacam que a presença de homens no curso de pedagogia e no magistério, gera cada vez mais olhares e debates, sendo muitas vezes criado determinados perfis ao tipo de homem que escolhe atuar na educação infantil. O campo de discussão precisa ser explorado, no sentido de desconstruir os preconceitos enraizados socialmente, primeiramente do próprio educador, que é comum de acontecer, e depois por parte da sociedade.

Assim:

> Em campo, especificamente no estágio, essa percepção se intensificou, pois ficou ainda mais claro como a presença masculina era unânime, ao mesmo tempo em que se revelaram os desafios e aprendizados do cotidiano escolar, exigindo ainda mais sensibilidade, responsabilidade e compromisso com o desenvolvimento integral das crianças. Além disso, é notável ver a falta de representatividade masculina nesse nível de ensino. São poucos os homens que escolhem a educação infantil, e isso acaba reforçando estereótipos de que esse não é um espaço “adequado” para nós. Até mesmo na graduação surgem esses questionamentos, e alguns acabam desistindo do curso por medo dos desafios ao longo da possível carreira (Professor Gabriel).

A importância de uma formação continuada pode ser uma contribuição política e pedagógica, se olhar com o sentido de que educar na educação infantil é trocar conhecimentos de maneira lúdica, enfrentando muitos desafios, preconceitos, dúvidas, muitas vezes questionamentos sobre a orientação sexual, e conflitos que ultrapassam o senso comum.

Situando a narrativa que:

> Outro desafio importante é conquistar a confiança das famílias. No início, é comum perceber certa resistência ou preocupação por parte de alguns responsáveis, mas, com o tempo e através do trabalho sério, do diálogo e do cuidado, essa confiança pode vir a ser construída. Apesar das dificuldades, ser professor na educação infantil vai muito além de ensinar: é cuidar, acolher, educar e contribuir para a formação das crianças desde os primeiros anos de vida (Professor Gabriel).

ISSN: 2358-8829

Freire (1996), defende que a docência precisa ser crítica, não se pode só passar conhecimentos, mas é por meio do diálogo que se constrói vínculos com as crianças, estabelecendo possibilidades de compreender o mundo. Por fim, é responsabilidade também da escola em reforçar a necessidade de ampliar novos conhecimentos, e fortalecimento de vínculo entre pares.

> Muitas vezes, é necessário ter que provar constantemente a própria competência e o compromisso com o bem-estar das crianças, algo que nem sempre é exigido da mesma forma das professoras. Situações simples, como acolher uma criança no colo ou ajudar em momentos de cuidado, podem ser interpretadas de maneira equivocada, o que gera insegurança e limitações em nossa atuação. Apesar das dificuldades, ser professor na educação infantil vai muito além de ensinar: é cuidar, acolher, educar e contribuir para a formação das crianças desde os primeiros anos de vida. A escola deve ser acolhedora, mas muitas vezes acaba excluindo quem tem interesse em somar, o professor (Professor Gabriel).

Esses apontamentos influenciam em como a profissão docente é vista atualmente, Nóvoa (2009), reflete sobre o pensamento de que a construção docente não pode ser limitada ao isolamento, mas é necessário a colaboração entre professores. Dessa forma, ao pensar em diversos meios do professor em criar vínculos com o ambiente em que está sendo inserido é algo político e pedagógico, mas, a resistência que cerca as demandas estabelecidas a esse contexto são marcadas por preconceitos, estranhamentos, e medo devido as relações e preocupações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os aspectos discutidos ao longo do trabalho, é visível que as relações de gêneros na educação estão presentes na Educação Infantil, e percebe-se que apesar de termos grandes pedagogos de referência, principalmente Paulo Freire, o mais citado no curso de pedagogia, para o tipo de sociedade que somos, a marca histórica do associar a Educação Infantil ao cuidado afetivo, ainda é presente.

Os resultados indicam que o ambiente da Educação Infantil traz um reflexo cheio de estereótipos marcados por um contexto histórico que ainda se faz presente no século XXI. Nessa perspectiva, à docência exige um compromisso ético, e isso é valido para todo o ambiente escolar, e a necessidade de compreender o espaço de forma crítica, é entender que a prática pedagógica precisa estar ligada a diversidade e inclusão, e a escola se torna um pilar na colaboração para esse diálogo com a família, se tornando um espaço humanizador, valorizando as diferenças.

Palavra-chave: Educação Infantil; Gênero, Docência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ Acesso em: 10 mar.2026.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em: 9 mar. 2026.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Educação e Realidade**, v. 37, n. 01, p. 19-31, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: vozes, 1997.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99**, 1995.

SILVA, Júlio Régis da; MARTINS, Viviane Lima. O professor homem na educação infantil: um olhar acerca do preconceito. **Revista científica Intr@ ciência, Guarujá, Edição**, v. 11, p. 1-23, 2016.